Dr. António Luís Esteves

Docente da Faculdade de Teologia-Braga

In memoriam

A sua lembrança dificilmente se apagará na memória de quantos o conheceram, com ele conviveram e, pelas mais variadas circunstâncias do tempo, se tornaram seus amigos. No círculo dos mais íntimos, era conhecido e referido, familiarmente, como «o Esteves». Tal era a simpatia que irradiava, juntamente com o seu ar sempre jovem, desinibido e próximo. É com grande admiração e sincera saudade que aqui o recordo, deixando em papel impresso, algumas rápidas pinceladas da sua vida e da sua personalidade.

António Luís Esteves nasceu em Parada do Monte, no concelho de Melgaço, a 15 de Dezembro de 1955. Filho de uma família de profunda tradição cristã – com um tio sacerdote, Padre Justino, que foi durante anos Arcipreste de Melgaço, e um primo, igualmente Justino, também sacerdote (os dois hoje já falecidos) – ingressou ele próprio nos Seminários Arquidiocesanos de Braga, no seguimento quase imediato do irmão mais velho, José Zeferino Esteves. Ao tempo, ainda não se havia desmembrado da Arquidiocese Primaz a Diocese de Viana do Castelo. Os seus pais, como aconteceu com muitos outros, tendo em vista uma maior proximidade da cidade de Braga, para apoiarem os seus filhos ao tempo dos seus estudos, acabaram, entretanto, por se fixar em Mire de Tibães, ali onde se ergue o famoso mosteiro da ordem Beneditina. O Padre António Luís Esteves haveria de receber a ordenação sacerdotal em 12 de Julho de 1981, três anos depois do seu irmão Zeferino (1978), ao serviço da Arquidiocese Bracarense.

Enquanto estudante de Teologia, foi redactor da revista *Cenáculo*, dos alunos do então Instituto Superior de Teologia de Braga, filiado na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e precursor do actual núcleo de Braga da mesma Faculdade. De Setembro de 1979 a Junho de 1980 frequentou a Escola Sacerdotal Internacional do Movimento dos Focolares, em Frascati (Itália). Em 1985 licenciou-se em Teologia naquela Faculdade da UCP, tendo apresentado, para o efeito, o trabalho final *Hermenêutica teológica da antropologia marxista*.

No serviço pastoral a que haveria de dedicar-se, começou por estagiar no jornal *Diário do Minho* nos anos de 1980-1981. Foi correspondente regional da Rádio Renascença e colaborador da agência Lusa. Posteriormente, em 1985, foi enviado para Roma a fim de prosseguir os seus estudos no Pontifício Instituto Bíblico. Ali se licenciou em Ciências Bíblicas, com um trabalho sobre o livro do

Êxodo, e iniciou o *curriculum* para doutoramento (1989). Após o seu regresso, em 1989, integrou o Corpo Docente da Faculdade de Teologia em Braga e foi nomeado Vigário Paroquial temporário de Lago, Amares. No ano 2000 foi nomeado representante do Secretariado do Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso.

Como docente da Faculdade de Teologia, dada a necessidade do tempo, leccionou uma grande diversidade de disciplinas: Hebraico, Propedêutica Bíblica, Profetas, Hagiógrafos, Evangelhos Sinópticos, Actos e Cartas Católicas, Escritos Paulinos, Bíblia e Educação da Fé, Mundo Contemporâneo e Fé. Leccionou ainda, em Braga, temas bíblicos na Escola Diocesana de Leigos e no Centro de Formação Inter-Noviciados, na Escola de Música Calouste Gulbenkian (Italiano) e, em Viana do Castelo, na extensão local do Curso de Ciências Religiosas, bem como no Centro Diocesano de Cultura e no Curso Teológico-Pastoral da Diocese.

Proferiu numerosas conferências. Dados os seus dotes de palavra instrutiva, fluente, original e elegante, muitos foram os párocos que o convidaram para fazer pregações.

Publicou umas três dezenas de artigos em revistas, entre científicas e de divulgação, nomeadamente em *Cenáculo*, *Theologica*, *Memoria*, *Bíblica-Série Científica*, *Revista Portuguesa de Humanidades*, bem como no jornal *Diário do Minho*. E ainda diversos capítulos em obras colectivas.

Com impressões de viagem de recente deslocação a duas capitais europeias, com pessoalíssimas ressonâncias subjectivas e pertinentes reflexões a propósito – como o próprio explica, «as impressões e os pensamentos que de mim brotavam enquanto rezava, passeava *diapateticamente* junto ao Tibre ou ao Sena» –, a que acrescentou, posteriormente, as da sua deambulação pelas ruas da Roma Portuguesa, escreveu uma colectânea de pequenos textos, que tencionava publicar brevemente em livro. Estão distribuídos por três conjuntos, centrados, respectivamente, nas cidades de Roma, Paris e Braga. Acabou por sair a público postumamente (Janeiro de 2010), com o sugestivo título de *Tríptico profano* e com apresentação pública no interior do Congresso Internacional «À escuta da Palavra», sobre o sacerdócio, nos 450 anos do Seminário Conciliar de Braga (12-15 de Janeiro de 2010). O livro apresenta, afinal, o testemunho de um sacerdote que, a seu modo, se quis autêntico. E, como quer que seja, acaba por ser, para além da intenção do autor, uma espécie de seu testamento espiritual.

O Dr. Esteves era um homem excessivo. Figura simpática e naturalmente atraente, de coração e alma grandes, amava a vida e anelava a plenitude. Sentia-se mal nos acanhados limites da vulgar condição humana, eclesial e mesmo sacerdotal (no caso, talvez melhor dita eclesiástica ou clerical). Como dele escreveu o companheiro e amigo de muitos anos desde os bancos do Seminário, Costa Guimarães, provocava-nos a ser diferentes, ou a viver acima da vulgar mediocridade.

Excessivo, ou de excelência, também nos dotes intelectuais e artísticos. Como testemunha o mesmo companheiro, «ele tinha parâmetros de vida singulares que se notavam entre os outros colegas pela sua inteligência, capacidade de argumentação e rapidez de assimilação de conhecimentos, fossem humanísticos, literários, filosóficos, teológicos ou musicais» (*Diário do Minho*, 3.10.2009). Entre muitas outras coisas, lembro, pessoalmente, a sua efectiva inteligência de alto nível, a sua efectiva argúcia no debate de qualquer tema e a sua efectiva cultura rica e polivalente, a sua escrita feita de saber, profundidade e beleza; a sua sábia e eloquente *oratio sapientiae*, pouco depois do regresso dos estudos em Roma, no salão de actos da Faculdade de Teologia, em torno do Salmo 8 da Bíblia, ou do homem no contexto da Criação («Senhor Deus, como sois grande, revestido de esplendor e majestade!»)…

Mas lembro também os seus dotes artísticos, nomeadamente musicais, a sua facilidade em dedilhar o piano ou extrair caprichos do órgão, a sua aptidão para cantar e fazer cantar. Lembro, do tempo de seminarista, o seu vulto de autêntico *showman*, oferecendo ao público o espectáculo de belíssimas canções no palco, por ocasião da Festa das Famílias. E quantas outras coisas, na mesma linha, poderiam aqui ser lembradas…

Não muito tempo antes de ter partido para o Pai, deslocou-se à Casa Sacerdotal para me pedir, como amigo e antigo professor, que lhe desse uma vista aos textos que haveriam de preencher o seu *Tríptico profano*. Quando os veio recolher, lembro-me que lhe disse: «Esteves, tu és um génio romântico. As duas coisas ao mesmo tempo: um génio e um romântico. Sabes o que isso significa?». Respondeu-me, de imediato: «Então não sei? Foi o senhor quem me ensinou essas coisas…». O que eu pretendia era, no essencial e a par com o elogio dos escritos que me pusera em mãos, despertá-lo para a consciência de possíveis efeitos negativos do seu carácter excessivo. Tinha em vista particularmente a sua saúde física e espiritual. Ele, porém, apelou para o exemplo do Mestre, Jesus Cristo, o Homem do excesso por excelência, inconformado e contestador da (des)ordem estabelecida e pregador da *metánoia*, em vista de um outro estilo de vida, para um mundo diferente.

Já então a doença que dele se apossara se ia tornando mais forte do que ele. Colegas e amigos rodearam-no de carinho e procuraram defendê-lo do negativo dos seus excessos. Incluindo o Arcebispo, que o convidou para a sua proximidade, na intimidade da sua casa episcopal, convite que ele aceitou, ali tendo vivido parte dos seus últimos anos.

Mas, na verdade, o mundo que o Dr. Esteves habitava não estava à sua medida. Era um homem de utopia – palavra que, como é sabido, quer dizer «sem lugar». Com bastante fundamento, um colega e amigo (Padre Fernando Abreu) definiu-o, no bom sentido dos termos, como «um crente vagabundo», «um estudante vagabundo», «um amigo vagabundo», «um padre vagabundo», «um professor vagabundo», «um pregador vagabundo», «um missionário

vagabundo». O que é que o fazia ser assim? Eu penso que assim se tornara, exactamente, porque não havia para ele lugar neste mundo.

Aprouve à Providência arrancá-lo efectiva e finalmente dos seus limites. Foi no dia 1 de Outubro de 2009, quando contava apenas 53 anos de idade. Teve a honra de um grande funeral, na igreja do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, um funeral digno de quem, na vida, granjeara uma multidão de amizades e simpatias. Com a belíssima homilia do seu antigo colega na docência bíblica, o Bispo Auxiliar de Braga D. António Couto. A nossa esperança – e nossa prece – é que tenha encontrado, do lado de lá, esse outro mundo, da Verdade e da Beleza por que tanto ansiava.

O Dr. Esteves viveu neste mundo a «esperança crucificada» da sua própria utopia. Como ele próprio escreveu, «Quem vive desta esperança crucificada não é desiludido nas desilusões da história de todos os tempos, porque a morte venceu a vida, o amor é mais forte que a morte, a vitória acontece no fracasso da Sexta-Feira Santa. O silêncio lúgubre do Sábado santo não é senão o anúncio inesperado do Aleluia divino, dom gratuito do Amor.» (in *Glória da Kenose. Via sacra dos Artistas*).

No nosso juízo, entretanto, naturalmente na perspectiva quem vê as coisas do lado de cá, a sua ausentação foi uma grande perda e uma grande pena. Para a Faculdade de Teologia, sobretudo no âmbito dos estudos bíblicos em que tanto dele se esperava, o Dr. Esteves deixa a dolorosa impressão de uma grande promessa cuja realização, embora começada, todavia, em boa medida ficou por cumprir.

Jorge Coutinho